

Guerra da Cal

Breve Antologia Poética

Guerra da Cal

Edição de Carlos Durão



Academia Galega da
Língua Portuguesa

Guerra da Cal

Breve Antologia Poética

Edição de Carlos Durão



Academia Galega da
Língua Portuguesa

Guerra da Cal : Breve Antologia Poética / Ernesto Guerra da Cal.
Editado por Carlos Durão.

ISBN

I. Poesia. 2. Antologias.

I. Título. II. Guerra da Cal, Ernesto (1911-1994).

III. Durão Rodrigues, Carlos, ed. lit. (1943-).

Disponível em <http://guerradacal.academiagalega.org>

© Da apresentação, esboço biográfico e nota editorial: Carlos Durão, 2011

Editado pela Academia Galega da Língua Portuguesa no
quadro das Comemorações do Centenário do Nascimen-
to do **Professor Ernesto Guerra da Cal** (1911-1994).

Santiago de Compostela, abril de 2011

Academia Galega da Língua Portuguesa
Rua de Castelão n.º 27
15900 Padrão, Galiza
<http://www.academiagalega.org>

Conteúdos

<i>Apresentação</i>	7
<i>Esboço biográfico</i>	9
<i>Nota editorial</i>	23
<i>Antologia</i>	
Lua de além-mar	25
Rio de sonho e tempo	31
Futuro inemorial	41
Deus, tempo, morte, amor e outras bagatelas	57
Espelho cego	63
Caracol ao pôr-do-sol	67
Coisas e loisas	75
Ramalhete de poemas carnais	79
Inédito	83

Apresentação

Ernesto Guerra da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994) foi o primeiro poeta galego moderno que tratou temas universais, no espaço e no tempo, desde “dentro” e desde “fora”. Foi sem dúvida o poeta galego que mais eco teve dentro e fora da Galiza, como testemunha a abundandíssima bibliografia transnacional e transcontinental a que deu origem a sua obra. E foi, em fim, o professor galego de mais prestígio internacional, autor da por muitos conceitos monumental *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, e duma viçosa obra devotada à nossa comum cultura galego-portuguesa, para a que viveu e pela que padeceu até morrer no exílio, conseqüente com as suas ideias e firmes ideais, sem por isso se importar ser sempre proscrito na sua pátria, e até maldito pelos que nela detêm ainda o poder.

Fez os seus estudos universitários em Madrid, onde travou amizade com vultos do galeguismo cultural e político, bem como com outros da cultura espanhola em geral, entre estes o seu amigo F. García Lorca, com quem conviveu na *Residencia de Estudiantes* e com quem colaborou na gestação dos famosos *Seis poemas galegos* lorquianos. Ao estourar a chamada “guerra civil” em 1936, alistou-se como voluntário nas Milícias Galegas, combateu pela legalidade republicana na frente de Toledo, e passou à Seção do Exterior do *Servicio de Información Militar*, do Ministério da Guerra; enviado a Nova Iorque em missão oficial pouco antes da derrocada da frente do Ebro, teve de ficar ali ao rematar a guerra.

Completoou os seus estudos universitários na Columbia University, e chegou a ser catedrático na New York University, onde realizou os trabalhos de pesquisa que culminaram no seu *magnum opus*, a *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, pelo que é justamente reco-

nhecido e louvado internacionalmente, e condecorado em Portugal. Ocupa-se da parte galega do *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Pronuncia conferências, realiza seminários, colabora em trabalhos de investigação para universidades do Brasil e de Portugal, sempre reclamando, em todo o mundo lusófono, o reconhecimento da Galiza como pertencente a esse mundo, e em toda a parte dizendo, sem pejo, que ele era galego.

Nos anos 1959 e 1963 publica os seus seminais poemários *Lua de Além-Mar* (o primeiro livro em que um autor galego aposta pelo reintegracionismo linguístico após o chamado *Rexurdimento*) e *Rio de Sonho e Tempo*, na editora Galaxia, de Vigo.

Reformado da súa cátedra na universidade americana, Guerra da Cal retornou à Europa, primeiro a Estoril, e posteriormente a Londres. Nesses anos impulsionou o movimento reintegracionista desde o exílio. Foi graças aos seus contatos com os seus colegas em universidades lusófonas, à sua acessibilidade para a mocidade reintegracionista, e com o seu respaldo académico, que a Galiza conseguiu um merecido posto de observadora nas negociações dos Acordos Ortográficos, em 1986, no Rio, e em 1990, em Lisboa.

Com a sua obra, poética e erudita, com o seu prestígio e impulso ao reintegracionismo, Guerra da Cal deixou um incalculável legado à sua pátria, a “Nação soberana/ sem estrangeiro senhor”, da que ele foi cantor. Por isso foi dela banido, por isso merece sobejamente a nossa sentida homenagem, e por isso descansa hoje entre “os bons e generosos”, que cantou o bardo Pondal.

Esboço biográfico

Ernesto Guerra da Cal nasceu em 9 de dezembro de 1911, na rua Sagasta, nº 142, 2º de Ferrol, onde foi batizado com o nome de Ernesto Román Laureano. Era filho do médico ferrolano Román Pérez da Cal (sempre conhecido pelo matronímico), que fora companheiro e amigo íntimo de Castelão na Faculdade de Medicina de Santiago, e da mestra quiroguesa Laura Güerra Taboada, cuja mãe fora também amiga chegada de Virgínia Pereira (a que seria esposa de Castelão), e cujo pai era o engenheiro veronês Carlo Guerra¹.

Quando ainda não tinha um ano de idade morreu-lhe o pai; a sua mãe teve que se deslocar a Madrid para retomar os seus estudos na Escola Normal Superior, deixando os seus dous filhos em Quiroga², ao cuidado da avó e da tia Consuelo, a “Teteyo”³, profes-

¹ Carlo Guerra Scoppoli formou-se engenheiro em Viena e arquiteto em Roma, e foi contratado por Lesseps para o projeto de construção do Canal do Panamá, depois para a construção de caminhos de ferro na Espanha, dirigindo o de Palença à Corunha; por sua vez era filho do conde Scoppoli, lombardo de raiz italiana (casado com Paola, lombarda de etnia austríaca), quem, por ter feito causa com Garibaldi, fora despossuído do título. Guerra da Cal é nome civil, não pseudónimo nem heterónimo (como errada ou maliciosamente foi assumido em publicações e autores galegos), e assim fica assinalado no Registo de Nascimentos de Ferrol, sendo a ordem dos apelidos a natural em Portugal e nos EUA (onde se naturalizou em 1945) e a do seu filho Enrique Ucelay da Cal, e da sua viúva Elsie Allen da Cal (embora não do seu irmão Fernando Pérez Güerra); assinou os seus primeiros trabalhos como Ernesto Pérez Güerra. (*vid.*, p. ex., a *Gran Enciclopedia Gallega*, Silverio Cañada editor, Santiago-Gijón, 1974; o *Diccionario de Escritores en Lingua Galega*, de Francisco Fernández del Riego, Galaxia, Vigo, 1990; *O Correo [sic] Galego*, 25 de abril de 1994, e passim; “A-deus a Guerra da Cal”, por Xavier Alcalá, revista *Eco*, novembro, 1994; etc.).

² São Martinho de Quiroga, na casa que os vizinhos nomeavam a “Tabacalera”.

sora da Escola Feminina de Quiroga, situada na rua da Cal, que inculcou no seu sobrinho o amor pelas letras, especialmente a poesia. A sua infância e puberdade transcorreram no Vale do Sil (tantas vezes por ele cantado), e também em Castro Verde e Pol, onde a sua mãe exerceu o magistério primário, antes de obter vaga definitiva em Madrid, para onde levará então consigo os dous filhos.

Tinha Ernesto onze anos quando foi viver a Madrid, onde residiu até aos 25 anos, mas vindo passar os verões à Galiza, a do interior e a atlântica: Quiroga, Ferrol, São Martinho do Porto, Ares, Mugardos, Redes, Ponte d'Eume, Betanços; com o qual o seu ouvido se afaz às diferentes formas de galego. Em Madrid realiza os estudos secundários, no Instituto General y Técnico de San Isidro, do *Barrio de la Latina*, e os universitários na Faculdade de Filosofia e Letras, da Ciudad Universitaria (que viria a ser cenário de combates na frente de Madrid durante a “guerra civil” espanhola), onde faz amizade com os professores Américo Castro, Navarro Tomás e José Fernández Montesinos.

No *Ateneo* de Madrid conhece muitos dos integrantes da “Geração do 98” espanhola, como Manuel Machado, e estabelece amizade com Juan Ramón Jiménez, mestre da “Geração do 27”, como com Luís Rosales, Manuel Altolaguirre, Luís Cernuda e Federico García Lorca. Participa como ator no *Grupo Teatral Anfístora* (dirigiam-no Lorca e Pura Maortua de Ucelay, mãe de Margarita Ucelay, a que foi primeira esposa de Ernesto e com quem teria o seu único filho, Enrique) e mais no ambiente cultural; com Lorca colabora na elaboração dos famosos *Seis Poemas Galegos* deste.

Faz dobragens com L. Buñuel; contribui elementos de desenho para cartazes de Luís Quintanilha e outros artistas gráficos; nos anos 28 e 29, da ditadura de Primo de Rivera, participa em greves estudantis, é preso e processado pela sua militância nos confrontos que precederam à queda da Monarquia; assiste às reuniões de Pablo Neruda no seu apartamento da *Casa de las Flores*, onde conhece escritores hispano-americanos, como Nicolás Guillén e Lino Novás Calvo, entre outros. Nas férias de verão,

³ “Tia e mãe, que gorentou a minha infância no Sil com mundos solerminhos de fantasia poética”, como escreve Ernesto na dedicatória do seu primeiro poemário, *Lua de Além-Mar*.

na Galiza, convive com grupos galeguistas: Á. Fole, Á. Cunqueiro, R. Carvalho Calero, Luís Pimentel, E. Correa Calderón, J. Bal e Gay, Arturo Souto, Á. das Casas, A. Quadrado; acha-se presente na reunião da Galeuzca em Santiago; iça a bandeira galega no edifício do Círculo das Artes de Lugo, no Dia da Pátria de 1930, o qual estava interdito por Real Decreto. Com os galegos falava exclusivamente galego. Também conheceu Emilio Gonçalves Lopes, mas com ele teve mais relação no exílio de ambos.

Já implantada a República, em 1931, encontra-se em Madrid com os deputados galegos nas Cortes Constituintes, e assiste com regularidade à tertúlia dos galeguistas no *Café Regina*, onde conheceu R. Otero Pedraio, R. Soares Picalho, A. Vilar Ponte, Ramom Cabanilhas, E. Blanco Amor, Serafim Ferro e outros. Finaliza o Curso de Letras em junho de 1936, e no início da guerra civil assiste ao assalto ao *Cuartel de la Montaña*, pouco depois alista-se como voluntário nas Milícias Galegas, combate pela legalidade republicana na frente de Toledo, e passa à Seção do Exterior do *Servicio de Información Militar*, do Ministério da Guerra.

No 1938 aparecem as suas primeiras publicações poéticas, em *Nova Galicia*, semanário patrocinado pelo *Comissariat de Propaganda* da *Generalitat de Catalunya*, destinado aos soldados galegos⁴. Aprende catalão. Na “Oficina Galega” do governo catalão encontra-se com A. R. Castelão e Serafim Ferro. E conhece Rafael Dieste (diretor da revista), Florêncio Delgado Gurriarán e Ramom Valenzuela, que a distribuíam nas frentes de combate. Pouco antes da derrocada da frente do Ebro, e sendo capitão do Exército Popular, é enviado a Nova Iorque em missão oficial do Governo da República (verificar informes sobre malversações de fundos recaudados com destino à causa republicana), onde o surpreende o final da guerra.

Instalado o regime fascista em Madrid, e com fracas possibilidades de voltar com vida à sua pátria⁵, fica nos EUA com estatuto de exilado e posteriormente nacionaliza-se norte-americano. Reúne-se em Nova Iorque com a sua esposa, continua os seus estudos

⁴ “Mariñeiro fusilado”, revista *Nova Galiza*, Generalitat de Catalunya, Barcelona, nº 13, 20 de dezembro de 1937 (reproduzido na antologia dessa revista publicada pelo Collectiu de Cultura Popular, Barcelona, 1977, em ed. de Xosé Lois García).

⁵ Um tio-avô seu, Inocência, “foi assassinado pelos franquistas em Vigo”, como afirma Ernesto.

interrompidos, e inicia a sua carreira docente, no 1940, no “Brooklyn College of the City of New York”. E doutora-se em Filologia Românica na Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências da “Columbia University”, com a primeira tese defendida numa universidade americana sobre literatura portuguesa (Eça de Queiroz).

Em Nova Iorque encontra-se novamente com Castelão e colabora com hispanistas exilados, como Federico de Onís, diretor do “Instituto Hispânico” da “Columbia University” e ex-alto cargo republicano (que orienta a sua tese de doutoramento), e o ex-ministro Fernando de los Ríos. No 1951 é professor catedrático, na New York University, de Línguas e Literatura Românicas. É então nomeado “Chairman” do Departamento de Espanhol e Português do “Washington Square College”, e em 1958 é Diretor da Seção de Românicas da Divisão Pós-graduada da Faculdade de Artes e Ciências. Funda e dirige o “Portuguese Language Institute and Center for Luso-Brazilian Studies”. Organiza e supervisa os “NYU Junior Year” nas Universidades de São Paulo e da Baía. Em 1947, a pedido do “General Editor” do *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, coordenara a Seção de Literatura Portuguesa, e entre os seus contributos inclui um sobre Pessoa que fora o primeiro em língua inglesa.

Desempenha diferentes cargos e responsabilidades administrativas, universitárias e de sociedades científicas e profissionais: da “American Association of Teachers of Spanish and Portuguese”, do “Inter-University Seminar of Latin American Studies”, da “Modern Language Association of America” (nesta entidade foi “Chairman” do “Bibliography and Research Committee, Section I: Galician, Portuguese and Brazilian Literatures” entre 1955 e 1957), e do “Institute of International Education”; da “New York Academy of Sciences” (na que ingressa no ano 1958), e da “Hispanic Society of America” (desde 1960). No 1958 funda o Instituto Brasileiro na NYU, e em 1959 é distinguido como Doutor Honoris Causa pela Universidade da Baía.

Apesar do seu intenso labor académico desenvolvido ao longo da sua brilhante carreira universitária (na que recebeu as mais altas condecorações e reconhecimentos dos EUA, do Brasil e de Portugal) não deixa de participar na vida cultural da Casa de Galiza (“Unity Gallega”) de Nova Iorque (em cuja Memória Anual publi-

cou muitos dos poemas mais tarde coligidos em *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*), sempre colaborando com a coletividade dos exilados e os emigrantes galegos de Nova Iorque e doutros lugares⁶. E sempre, por toda a parte, em todas as suas intervenções académicas, internacionais e intercontinentais, propagou e sustentou a causa da emancipação da sua pátria galega oprimida, e defendeu a dignificação da sua língua — a variante mais antiga da expressão lusíada — contra a sua dialetalização organizada.

Lecionou (a pedido do seu antigo professor em Madrid Américo Castro) na “Princeton University” de New Jersey, e na Universidade de Puerto Rico; também (no 1960, a pedido das “Ibero-Amerikanska Institutionen, Handelshögskolan”) em Estocolmo e Göteborg. Designado pelo “Council for the International Exchange of Scholars”, leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro (pronunciando o discurso inaugural do “I Congresso de Professores Universitários em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana do Brasil”), na Universidade de Luanda, e na Sociedade de Estudos de Moçambique, em Lourenço Marques (hoje Maputo).

Em 1954, a Universidade de Coimbra publica o primeiro volume da sua *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* (nas Acta Universitatis Conimbrigensis), que recolhe a sua tese de doutoramento (e ao que seguiram outros cinco tomos), em edição espanhola por imperativo do seu trabalho académico, o que favoreceu a sua recepção entre os hispanistas; o grande reconhecimento internacional é então testemunhado pelas cerca de 50 recensões e resenhas, em sete línguas e em onze países. E valeu-lhe o “Prémio Dom Manuel II de Bibliografia” da Fundação da Casa de Bragança.

Em 1955, Jacinto do Prado Coelho pede-lhe a colaboração no seu *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, para o qual redigiu artigos sobre temas e autores galegos e portugueses. Continua a publicar, na década de 50, em diferentes revistas de coletividades de emigrantes galegos, e em 1959 publica o seu primeiro poemário na editora galega Galaxia: *Lua de Além-Mar* (com prólogo de Jacinto do Prado Coelho), no que, como já em publicações anteriores, defende claramente o Reintegracionismo.

⁶ Cabe mencionar a este respeito as suas emissões semanais na estação de rádio *Voice of America* (“US Information Service”), em espanhol e português.

Em 1964 transfere-se para a “City University of New York”, na qual organiza, com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian, programas de ensino, cursos de mestrado e doutoramento em português e espanhol. Em 1966, em convénio com a Universidade Clássica de Lisboa, inaugura o “Summer Program Abroad at the University of Lisbon” do “Queens College of the City University of New York”. Nesse ano, Stanley Burnshaw pede-lhe a seleção e apresentação crítica de poesias e poetas luso-brasileiros (como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Fernando Pessoa) na antologia *The Poem Itself: 45 Poets in a new Presentation*, trabalho também pioneiro no mundo cultural anglo-saxónico; e com José Rubia Barcia (exilado também ferrolano), propicia e prologa o poemário *Voz Fuxitiva* da escritora norte-americana Anne Marie Morris, publicado na Galaxia.

Nessa década de 60, é “consultant” de literaturas ibéricas e colaborador em diversas enciclopédias, entre elas a *Grolier International Encyclopedia*, *The Encyclopedia Americana*, *The New Catholic Encyclopedia*, a *Encyclopedia of World Literature*, o *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, e contribui para gramáticas, antologias e dicionários hispânicos. Em 1963 edita o seu segundo poemário na Galaxia, *Rio de Sonho e Tempo*, com um “Limiar” de R. Otero Pedraio, no que saúda “Guerra da Cal, mestre da nova Galguedade” (e identifica o Sil como o seu “rio de sonho e tempo”).

A relação de Guerra da Cal com o Brasil patenteou-se na acolhida dos estudos brasileiros na sua cadeira nova-iorquina, e no seu projeto, reiteradamente afirmado, de dedicar à obra de Machado de Assis (anunciado com ocasião do 150 aniversário do seu nascimento) um estudo do fôlego do que lhe dedicara a Eça; o projeto não vigorou. Em 1960 é chamado a participar como convidado de honra, junto com Jean Paul Sartre, no Congresso de Crítica Literária do Brasil; à morte do literato francês André Malraux abriu-se o debate na Academia Brasileira de Letras sobre quem deveria cobrir essa vacante como sócio correspondente, e o nome de Guerra da Cal foi baralhado junto como o de Sartre⁷.

⁷ *Vide*: Rangel, Maria Lucia, “En el té de la Academia de Letras, la mayoría, supersticiosa, prefiere café”. Revista de Cultura Brasileña, no. 44 - junio 1977, Embajada de Brasil, Madrid, p. 109.

Em 1966 casou, em segundas núpcias, com Elsie Allen da Cal, anglo-portuguesa, quem devotamente acompanhou as suas atividades intelectuais, e que é autora da versão portuguesa definitiva da *Língua e Estilo de Eça de Queiroz* (4ª edição; há traduções anteriores, de Helena Cidade Moura, Lisboa, e Estella Glatt, do Rio). Na mesma década publicou, na revista *Papeles de Son Armadans*, dous breves poemários, *Poemas* e *Motivos do eu*.

Continua, na década de 70, a publicar o seu *magnum opus*, a merecidamente qualificada como monumental *Bibliografia Queiroziana* (que é o Apêndice da sua tese de doutoramento). Essa edição demorou até 1984 e consta de seis tomos, com mais de 3.000 páginas e 14.000 verbetes. Foi considerada contributo pioneiro pela crítica literária, não existindo, na altura, trabalho semelhante para qualquer outro autor. Ainda hoje é obra de obrigada consulta, e citada pelos estudiosos de Eça de Queiroz. Em 1971, no Brasil, Estados Unidos, Portugal, Angola e Moçambique, profere a palestra “*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco”, trabalho de crítica literária que consolida um novo discurso sobre Eça.

Em 1977 reformou-se da sua cátedra da City University of New York, como “Professor Emeritus of Romance Languages and Comparative Literature”, e fixou a sua residência (*Melrose*) em Portugal, no Estoril, culminando quatro décadas de vida professoral em instituições de ensino superior nas Américas e na Europa, nas que visitou 25 países de três continentes, como docente, como congressista, como bolsheiro e como conferencista (nesta última capacidade falou em 26 instituições académicas dos EUA).

Recebeu numerosas distinções de instituições académicas e governos, no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Podem salientar-se, no Brasil, o Oficialato da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e a Medalha Padre Anchieta, pelo Governo; a Chave da Cidade do Rio de Janeiro, pela Prefeitura do Distrito Federal do Rio; a Medalha Oskar Nobiling, pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura; em Portugal, a Ordem Militar de Santiago-da-Espada e a Ordem do Infante Dom Henrique, pelo Governo; a Ordem Militar de Nª Sra. da Conceição de Vila-Viçosa, pela Casa Real de Bragança; o prémio de bibliografia Dom Manuel II, pela Fundação da Casa de Bragança; foi eleito sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa (pela monografia

“Os navegadores portugueses na descoberta e colonização do actual território dos Estados Unidos”), a Academia Internacional da Cultura Portuguesa e a Academia das Ciências de Lisboa; nos Estados Unidos, a Hispanic Society of America concedeu-lhe a sua medalha, e a University of California at Los Angeles homenageou-o, em 1972, como “Pioneiro dos Estudos Luso-Brasileiros nos Estados Unidos”. Em 1989 recebeu o Doutorado Honoris Causa da Universidade de Coimbra.

Na sua pátria, foi designado Membro de Honra da Associação Galega da Língua, e nos I e II congressos internacionais da AGAL, de 1984 e 1987, ocupou a Presidência de Honra. Em 1989, com o ensejo de receber o Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal dedicaram-lhe um nº de homenagem da revista *Nós*, nºs 13-18. E também desempenhou a presidência da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada (constituída em 1985), cujas atribuições delegou, por motivos de saúde, numa delegação de observadores, como também antes delegara nele Lapa⁸. Foi assim com o seu respaldo académico que a Galiza conseguiu um posto de observadora nas negociações dos Acordos, da Ortografia Simplificada em 1986, no Rio, não vigorado, e da Ortografia Unificada em 1990, em Lisboa, hoje vigorado.

Em 1984 publicou *Homage to Federico Garcia Lorca*, parte da sua produção inglesa como D. C. Warnest. Em 1985, com ocasião do centenário da morte de Rosalia de Castro, publicou em Lisboa *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, e também *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*, precedido de um

⁸ Com M. Rodrigues Lapa participou, “como galego”, em reuniões a respeito do Acordo Ortográfico de 1945, como também no Congresso Internacional de Estudos Portugueses e Brasileiros, na Baía, em agosto de 1959, e no I Simpósio Luso-brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea na Universidade de Coimbra em 1967. Em carta de 15 de abril de 1983, escreve Lapa a A. Gil Hernández: “Foi devido à minha incapacidade física que deleguei no amigo Guerra da Cal a liderança do movimento reintegracionista aqui em Portugal. Fica muito bem entregue a um homem que é poeta e foi capitão antifranquista na Guerra Civil/ O artigo que hoje lhe mando sobre a “Reintegração linguística galego-portuguesa” pode ser considerado como o meu testamento. Já não tenho mais nada a dizer sobre o problema do galego. Cabe agora à Juventude galega levá-lo até às últimas consequências, o que ela fará sem dúvida, pois não tem outra opção”.

“Antelóquio indispensável”, um texto combativo que não deixa lugar a dúvidas sobre o seu firme posicionamento na questão do Reintegracionismo. De 1987 data outro dos seus poemários, igualmente publicado em Lisboa, *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*. Em 1988: *6 Poemas a Rosalia de Castro*. Em 1989, em Málaga, pela sua estreita amizade com os poetas María Victoria Atencia e Rafael León, edita *Espelho Cego*.

Já nos anos 90, a AGAL reedita os seus *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, realmente uma nova edição, de 1991⁹. E, também em Málaga, publica *Coisas e Loisas*. Em 1992, a Universidade de Coimbra publica um ensaio seu sobre a génese do queirociano “Testamento de Mecenas”.

Em 1994, a revista *Agália* publicou o seu derradeiro trabalho, “Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos”, no nº 38, por ele datado poucos dias antes da sua morte; e esta revista da AGAL dedicou-lhe um volume de homenagem, no nº 39; o mesmo que as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal em 1995.

No ano 2000, dentro das atividades oficiais comemorativas do Centenário da Morte de Eça de Queirós, o Governo de Portugal patrocinou o prémio internacional de investigação “Professor Ernesto Guerra da Cal”. No 2001, a AGAL editou o seu *Caracol ao Pôr-do-Sol*, poemário póstumo que em parte antologiza produção sua anterior, com um prólogo do Professor Carlos Reis¹⁰.

Guerra da Cal é o cientista galego de todos os tempos com maior reconhecimento no mundo, e o poeta galego do século XX de maior relevo no exterior: o primeiro poeta galego moderno que tra-

⁹ Depósito legal do 1992; nova ed., revista e anotada pelo autor, num só volume, com apresentação de M^a do Carmo Henriques Salido, introdução de C. Durão, esboço biográfico de E. A. da Cal, e capa de José M. Aldeia e Ragner Caldas, com produções fotostáticas, glossário de galaicísmos e abundante bibliografia; contém, em apêndice, as partituras de várias peças musicais, compostas sobre poemas seus (José M^a Evangelista, Vicente Asencio e Matilde Salvador, com as correspondentes partituras, para canto e piano), e estreadas no VII Festival da Canção Galega, no Salão Nobre do Paço da Deputação de Ponte Vedra, no 12 de julho de 1966; e uma Tábula Gratulatória com que os seus amigos o presenteavam.

¹⁰ O depósito legal é do 2001, mas na primeira pág. diz: Lisboa 1991; contém também uma Tábula Gratulatória.

tou temas universais, no espaço e no tempo, desde “dentro” e desde “fora”¹¹; afinal uma das principais figuras da história de Galiza.

Em 1989, por motivos de saúde familiar, transferiu a sua residência para Londres (flat 32 Gordon Mansions), onde o autor destas linhas teve a sorte de se relacionar com ele com assiduidade aproximadamente semanal. Dali partiu de novo para Nova Iorque no 1992, voltando em 1993 a Lisboa, onde morreu no 26 de julho de 1994, sem nunca retornar à sua pátria.

Desde a Galiza foram ter com ele algumas visitas de galeguistas, como Ramón Piñeiro, F. Fernández del Riego, R. Carvalho Calero, X. L. Franco Grande, para cumprimentá-lo na fronteira portuguesa, ao se recusar ele a pisar a Terra enquanto perdurasse a ditadura de Franco; em Lisboa e no Estoril visitavam-no membros da AGAL, das IF, e da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada; contudo, no final dos anos 60 Guerra da Cal deslocou-se até Vigo para visitar a sua mãe.

Pouco antes do seu passamento, estava preparando uma biografia do navegador galego João da Nova (ou João Galego) que, como Capitão-Mor da 3^a Armada da Índia, descobriu as ilhas de Santa Helena e da Conceição, além de realizar outras façanhas. E também tinha preparado outro livro sobre os *Seis poemas galegos* de Lorca (*vide* seção a seguir).

A sua amizade e colaboração com F. García Lorca

Nos anos em que Guerra da Cal residiu em Londres, por sorte para mim, pude reatar a relação epistolar com ele, que agora se tornou franca amizade, e troca mútua de opiniões e dados em gostosas conversas, bastante frequentes, no seu lar. Entre os inúmeros temas tratados, talvez interesse aqui o da sua relação com o poeta espanhol Federico García Lorca¹², que foi e é objeto

¹¹ Tal era a opinião de Eugénio Montes, autor da conhecida “Estética da moineira”.

¹² Guerra da Cal conservou com veneração desenhos e outros originais de Lorca a ele dedicados (Federico chamava-lhe “Ernesto del Sil”) e fotos de ambos naquele Madri efervescente da pré-guerra civil. Parte deste material foi reproduzido em publicações das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal (Revista *Nós, Cadernos do Povo* e outras); na revista espanhola *Punto y Coma*; no livro *Rosalía de Castro, Antología poética, Cancioneiro rosaliano*, no poemário docaliano *Coisas e loisas (Papeles del Alabrán, IV, Málaga, 1992)*; etc.

de especulação, por vezes mal-intencionada, para alguns intelectuais da Galiza, incluídos académicos da RAG.

É bem conhecida a estreita amizade que uniu o galego Guerra da Cal ao andaluz García Lorca, desde a sua convivência na madrilenha Residencia de Estudiantes, da que foi fruto a sua colaboração nos famosos *Seis poemas galegos* lorquianos, também revistos posteriormente por Eduardo Blanco Amor, amigo deles¹³.

Guerra da Cal tem afirmado publicamente que ele se limitou a fazer de dicionário vivente na génese destes poemas (traduzindo livremente ao galego os versos castelhanos de Lorca, para este eleger as opções que lhe parecessem mais evocadoras); mas em comunicações privadas assegurou ter-se manifestado com maior precisão sobre este tema, numa espécie de depoimento literário que só depois da sua morte devia vir à luz. À espera desse testemunho, eis o que até hoje nos é possível conhecer.

Segundo Carlos Martínez-Barbeito,

Será preciso pensar que sus poemas sufrieron una reelaboración, más importante de lo que pudiera creerse, tal vez una verdadera traducción —por cierto muy afortunada— por mano del prologuista, Eduardo Blanco Amor, o de Ernesto Pérez Güerra, cuya intervención me confesó, siendo él y yo estudiantes de Filosofía y Letras en la Universidad Central, el mismo año de la publicación¹⁴.

Mas Blanco Amor diz: “Os Seis Poemas Galegos tiveram um primeiro reaxuste entre Federico e Ernesto Guerra Dacal, o máis

¹³ *Seis poemas galegos*, de Federico García Lorca, Editorial Nós, Vol. LXXIII, Santiago, 1935 (prólogo de Eduardo Blanco Amor; há inúmeras edições posteriores). Antes fora publicado o seu *Madrigal á cibdá de Santiago* (depois incorporado aos *Seis poemas galegos*), 11 de dezembro de 1932, no jornal *El Sol*, de Madrid (reproduzido na revista *Yunque*, nº 6, Lugo, 1932, e na *Resol*, nº 6, Santiago, dezembro de 1932); *vid.* “Cronología gallega de Federico García Lorca y datos sincrónicos”, José Luis Franco Grande e José Landeira Yrago, revista *Grial*, nº 45, julho-agosto-setembro, 1974. Não é preciso dizer que os *Seis poemas galegos* lorquianos tornaram-se famosos pela sua autoria, e mais nos anos do após-guerra, particularmente precários e dramáticos para a literatura e a nacionalidade da submetida Galiza.

¹⁴ “García Lorca, poeta gallego. Un viaje a Galicia del cantor de Andalucía”, no semanário *El Español*, Madrid, 24 de março de 1945 (reproduzido em *Grial*, nº 43, janeiro-fevereiro-março, 1974).

íntimo amigo de Lorca (...). El foi quen tivo o primeiro contacto co manuscrito dos Seis Poemas Galegos (...) A miña intervención é puramente ortográfica, nalgúns casos métrica (...)”¹⁵. E também: “Mi complicidad se reduce a un leve paso por las ajetreadas cuartillas, con probidad pendolista y ortográfica”¹⁶.

Posteriormente Guerra da Cal disse que os *Seis Poemas Galegos* “foram o resultado duma colaboración lingüístico-literária entre Lorca (...) e quem isto escribe (...). Quatro desses originais, completos, e as duas primeiras estrofes de outro, são do meu punho e letra (...)”¹⁷.

E de Eduardo Blanco Amor diz “repetidamente ter-se atribuído uma participação implícita que nunca neles teve. Teve, isso sim, uma intervenção, ‘a posteriori’, deturpadora dos textos originais”¹⁸. Por exemplo, a mudança do título autógrafo galego de Guerra da Cal “Vella Cantiga” para o castrapo “Canción de cuna pra Rosalía de Castro, morta”:

não é este o único poema maltratado pela leviana ingerência de Blanco Amor (...) Tem-se repetidamente falado dos meus “silêncios” em relação à parte que me coube na origem e criação dos Seis poemas galegos (...) A recente descoberta dos meus autógrafos no espólio [de E.B.A.] -depositado no Arquivo e Biblioteca da Deputación Provincial de Ourense- e a sua publicação em fac-símile por José Landeira Yrago¹⁹ fazem com que a natural reserva por mim até hoje guardada neste assunto já não se justifique. É óbvio que o esclarecimento circunstanciado e

¹⁵ Vid. Carlos Casares, “Leria con EBA”, *Grial*, no. 41, julho-agosto-setembro, 1973.

¹⁶ Do prólogo de *Seis poemas galegos*, *op. cit.*

¹⁷ Vid. a nota sobre “Vella cantiga” em *Rosalía de Castro, Antología poética. Cancionero rosaliano*, E. Guerra da Cal, Guimarães Editores, Lisboa, Coleção Poesia e Verdade, 1985. (Repare-se, por exemplo, na grafia “nubens” nesse poema, que foi corrigida noutras edições para “nubes”, caso repetido com as “nubens” do poema “Danza da lúa en Santiago”; também a palavra “adolescente” foi mudada para “adoescente” no poema “Noiturnio do adolescente morto”; podem ver-se as grafias originais nos autógrafos de Guerra da Cal, *vid.* n. 20).

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ No jornal *La Voz de Galicia*, Corunha, 6 de junho de 1985, e em *Grial*, nº 88, 1985. Com os “silêncios” alude Guerra da Cal ao académico da RAG Xesús Alonso Montero, quem muitas vezes se tem perguntado em público por que Ernesto não falava mais pormenorizadamente do tema.

pormenorizado, agora imperativo, da minha parte nos Seis poemas galegos, não teria cabimento nesta nota. Essa é coisa que fica para ser feita, como é devido, num futuro próximo²⁰.

Esse “futuro próximo” ficou “imemorial”, por citar o título dum poemário seu. Mas ainda não é este o remate da história dos famosos poemas galegos de Lorca: pouco tempo depois de mudar a sua residência, mais uma vez, para Nova Iorque, escrevia-me dali:

e sobre a nova especulação, com esse motivo, em relação à verdadeira autoria do [sic] POEMAS GALEGOS, de Lorca, repito-te o que já me ouviste dizer mais de uma vez em Londres. Isto é, que se eu relatasse com veracidade como nasceu a ideia dessas composições e como elas foram elaboradas, seria inevitável -e mais sendo eu poeta, como sou pelos meus pecados- que houvesse pessoas que pensassem que eu estava a fazer pavoneio com plumas alheias, de alta ornitologia. Eu tenho um livro completo, até com capa pronta, ilustrado com abundantes fotografias inéditas de grande interesse histórico, que se publicará quando eu deixar o mundo dos vivos. Entretanto, deixa os especuladores especular! (...) ²¹.

Seja como for, o certo é que houve nesses poemas uma bela colaboração entre dous poetas, de dous povos da Hispania (o que é a melhor prova de que podemos caminhar juntos se (nos) queremos). Quanto à verdadeira autoria dos poemas lorquianos, era cousa que Guerra da Cal não revelou diretamente; mas ele era homem que tinha a delicadeza e a elegância de sugerir, ensinar, influir dum segundo plano, e deixar que “plumas de alta ornitologia” (como ele dizia) assinassem os poemas. Que eu

²⁰ Vid. n. 18, e também *Punto y Coma*, inverno, 1988-89, Madrid (“Federico García Lorca en el recuerdo”), com documentação gráfica de fotos e desenhos dedicados por Federico ao seu amigo Ernesto.

²¹ Carta de 1 de junho de 1993. Parte do Capítulo I do livro mencionado foi publicada como “Federico, na lembrança”, na revista *Nós*, nºs 4-6, Braga-Ponte Vedra, 1986-87, *vid. n.*, pág. 55.

saiba, não se publicou o livro a que ele se referia. Temos que supor que a sua viúva terá disposto ao respeito²².

A minha impressão —mas nunca lho perguntei diretamente, só pelo “discurso”— é que o nosso Ernesto foi “coautor”, e em todo o caso iniciador, impulsor, mas deixou que a pluma do seu amigo assinasse e, a meu ver, fez bem.

Sírvam como epitáfio da vida de Ernesto Guerra da Cal as suas próprias palavras:

Ainda hoje a Galiza chora
Estremecida
o martírio
daquele bravo entre os bravos
paladino
do nosso Reino de outrora
ancestral
e genuíno
E sente a pungente dor
da sempre aberta ferida
da Liberdade perdida
duma Nação soberana
sem estrangeiro senhor
de que ele foi defensor²³

Carlos Durão
Londres, Abril 2011

²² O meu derradeiro contato com ela (com quem naturalmente falava em Londres quando eu ia visitar o Ernesto) foi quando se depositaram as cinzas de Ernesto no Jardim das Cinzas do Cemitério Alto de S. João, de Lisboa.

²³ De “Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela” em “Futuro imemorial (manual de velhice para principiantes)”, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985). *Vid.* também Elsie Allen da Cal, “Esboço biográfico de Guerra da Cal, extractado do seu *Curriculum vitae*”, in *Lua de Além-Mar/Rio de Sonho e Tempo*, AGAL, Corunha, 1991; e Joel R. Gómez, *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada, Eds. do Castro, 2002.

Nota editorial

Na preparação dos materiais antológicos para uma edição eletrônica, sequer breve, da obra de Guerra da Cal, calhou ser eu o encarregado de fazer uma seleção, tarefa ingrata, mas necessária.

Sendo eu amigo dele, e assíduo assistente a demoradas e gostosas conversas no seu lar na nossa língua, não pude deixar de notar o seu pendor, digamos “metafísico”, aliás, comum aos grandes poetas, e também partilhado por outro amigo comum, X. L. Franco Grande. Eis o porquê de um bom ramalhete dos seus poemas escolhidos serem desse teor.

Mas creio ter deixado representados também outros aspectos da sua poesia: belamente amatória, ou linguisticamente lúdica, ou eminentemente evocadora; e todos com o seu forte estilo reconhecivelmente dacialiano, Espero que sejam do gosto dos leitores.

Lua de além-mar *

*Edição da AGAL, Ourense, 1991.

Janela na noite

A Xosé Luís Franco Grande

Quem está aqui
carão de mim
comigo
na janela na noite
aberta à massa imensa
sem lados
negra
na luz quadrada
da angústia intensa?

Eu só!
Eu só, comigo!

Não
A sombra está comigo
a sombra minha
a minha amiga
sempre submissa
sempre aos meus pés
Tão dócil companheira
na luz quadrada
da noite negra!

A candeia - coitada!-
expira silandeira
parindo a treva plena
E a sombra e a janela
morrem com ela

Ai, triste!
Eu só
Novamente sozinho

vago e perdido
morto e sem morte
Inexistente
Ninguém na noite!

Outono

Hoje
dia de chuva
e
húmida languidez
a tarde me circunda
numa atitude noiva
que gorenta e inunda
a minha indefinível viuvez
de velho tormentoso adolescente
e
a faz mais vasta e mais profunda
na outonia
dolente

Chegam
veladas notas
de um teclado gemente
moribundo:
retalhos de pавanas e gavotas
desfiadas e rotas

E
o meu coração sente
que se vai afundando
aveludadamente
num doce e parvo mundo
de janelas fechadas
adeuses ignorados
na partida
paixões inacabadas
e
beijos nunca dados
numa vida
sentimental
inútil
e

falida
de
tolo
vagabundo

Rio de sonho e tempo *

*Edição da AGAL, Ourense, 1991.

Ontem de cor e água*

Ao Novoneyra, cantor do Caurel

Do Lor ao Sil
que verdor
de orvalho
no mês de abril!

Do Sil ao Lor
que
tremor febril
de cor
ouro, esmeralda e anil
no langor
já de flor primaveril
do
sol-pôr!

Do Lor ao Sil
em
abril
que
rumor
de um orvalhar
de águas
mil!

* Este poema foi publicado primeiramente em: *Papeles de Son Armadans*. Madrid-Palma de Mallorca, 1961, no LXIII, junio, págs. 274-275. Acompanhado de versão castelhana da autoria de Celso Emilio Ferreiro. Reproduzido em *La Voz de Galicia*, Corunha, 1985, 11 de junho, pág. 2.

Conselho

“Esconde-me, ó distância, em tua névoa roxa!”

Teixeira de Pascoaes

Não toques a lembrança
branca flor de penugem
que
do sopro mais leve
se dispersa
no ar

O cálix que contém
o vinho do recordeo
é cristal de saudade
e
quebra
só
de
olhar

Nunca voltes do exílio
em procura de aromas
do remoto jardim dos tempos idos
- o teu retorno os tornará perdidos
e
já mais nunca os poderás lembrar

Deixa a memória livre
inventar a verdade
das coisas que passaram
- sem passar

“Broadway, very late...”*

Os arranha-céus
se perdem
num teto
de gazas frias
As janelas
cospem noite
cheia
de
estenografias

E
eu
só
sonâmbulo
sorumbático
e
lunático
na esquina triste
e
absurda
da minha errática vida
semi-calva
catedrática
e
bem estabelecida

(As pernas da minha sombra
com susto duma luz viva
guindam-se pelas paredes
querendo alcançar o céu)

* Publicado primeiramente em *Papeles de Son Armadans*. Madrid-Palma de Mallorca, 1961, no LXIII, junio, págs. 276-278, 288-290. Acompanhado de versão castelhana de Celso Emilio Ferreiro. Reproduzido em *Vieiros*, Padroado da Cultura Galega do México, México, D.F., 1962, ano I, no 2, outono, pág. 34: *Poesía de Galicia. Antología*. Por Alejandro Finisterre, México, D.F., Menhir, 1963, pág. 94.

E
vagueando
vou pensando
Que diabos faço eu aqui?
Se ao menos fosse judeu
ou
lampantim irlandês
ou
um loiro luterano
de carne de bacalhau
puritano
Mas
eu sou Peninsular
e
solar
filho de Nossa Senhora
e
do herege Prisciliano
e
Católico
Apostólico
Compostelano
Que pinto eu por estas ruas
só
no asfalto
a caminhar?

(Já devem ser mais das duas.
E eu, coitado, com este ar
fantasmal e tresnoitado)

Como a gente vai cair
numas terras
ou num mar
como folha de jornal
que leva
leviano

o
vento
sem cuidar
nem perguntar
qual seja o seu pensamento!
Mas
afinal
se o pensarmos
sempre se vive como hedra
apegado a qualquer pedra
mãe
mulher
cidade
ou
lar
E
em verdade
deste ou qualquer outro modo
o mundo universo todo
é sempre o mesmo lugar
Fatal mesmice das coisas!

(Consolado -
continuo a passear)

Futuro imemorial *

* Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985.

Sina

*"How many roads must a man walk
down before you call him a man?"*

Bob Dylan

Eu fui na Galiza nado
Reino que tem por orago
o irmão de Cristo, Sant'Iago
Apóstolo padroeiro
de todos os viageiros
e romeiros
e
divino
peregrino
da
sua própria Compostela
nas terras do Finisterra
magno evangelizador

E nasci sob essa estrela
Por isso vou caminhando
co'a minha roda
rodando
na gaitinha
assobiando
a afiando
facas
tesouras, cutelos
de
sonhos e pesadelos
à roda do mundo toda
vagamundo
amolador

New York City, 1971

Lógica

Os factos
 não compõem a Verdade
São apenas os fios de que se faz
 o veraz antifaz
 com que Ela cobre a cara
 para ir foliar
no louco Carnaval da Realidade

Estoril, 1984

Conselho de amigo

Cultiva o teu futuro
com amor
 porque ele é o lugar
onde tens que passar
 o resto da tua vida

Cultiva Deus
com um amor
 ainda maior
porque
 com sorte
com Ele irás passar
 o resto da tua morte

Estoril, 1984

Pátria

“Porque volvió, sin regresar, Ulises”

Miguel Ángel Asturias

A Galiza
é para mim
um mito pessoal
maternal e nutrício
com longa teimosia elaborado
de louco amor filial
de degredado
(E de facto é também
- por que não confessá-lo -
um execrável vício
sublimado)

A Galiza
foi sempre para mim
um refúgio mental
um jardim de lembranças
sossegado
um ninho de frouxel acolhedor
para onde fugir
do duro batalhar e do estridor
da Vida
e do acre ressaibo do Pecado
Subterfúgio subtil
e purificador
de interior evasão
para o descanso da alma
na calma
pastoril
da perfeição de Arcádia
da Terra Prometida
da imaginação

A Galiza
é o meu amor constante
tranquila e fiel esposa
e impetuosa amante
sempre
como Penélope a tecer
na espera
ansiosa e plácida
paciente e palpitante
do retorno final
do seu errante e navegante Ulisses
- outra químera!

Amo-a
como o náufrago desesperado
ama a costa longínqua e ansiada
que nunca há de avistar
Amo-a
com saudade antevista de emigrado
que à partida se sabe já
fadado
a ser ausente morrhento
de nunca mais voltar
Porque ninguém jamais regressa do desterro
à mesma terra que deixou
(O Espaço dissolve-se no Tempo:
os lugares
e as gentes que os habitam
mudam e morrem sempre
e nós também morremos
e mudamos
Posso eu acaso me reconhecer
naquele rapaz loiro
que chorando partiu
um dia crepuscular e montanhoso
de Quiroga

no Sil
há tantos anos
e tantos desenganos?)

Amo-a
Amei-a sempre
porque nunca deixei
de estar ligado a Ela
pelo umbigo
Porque Ela foi meu berço
e onde quer que eu morrer
Ela há de ser
o mei íntimo
e último jazigo

Amo-te
enfim
Galiza
coitada, triste e bela Pátria minha
como Tu és
como o Senhor
num mal dia te fez
órfã de história e alienada de alma
vespertina submissa e maliciosa
rústica e pobrezinha

Amo-te
sobretudo
como eu te queria
como eu em mim te crio
dia após dia
como um encantamento da minha infância
da minha fantasia

Amo-te
como eu
tresnoitado poeta evangelista

te invento e mítico
E, como com Jesus Cristo fez Mateus,
visto com ilusórios véus
a tua miseranda e cinzenta Paixão
e intento
com interna e intensa
distante devoção
pôr-te um nimbo de glória imaginária
num apócrifo Novo Testamento

Estoril, 1984

Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela

*Herói e mártir da independência galega
no 494.º aniversário da sua decapitação
em 17 de dezembro de 1493*

Da Frouseira
invicto e preso
a sua cadeia arrastando
caminho do cadafalso
desce o Mariscal pensando
nas Frechas e odiento Jugo
do novo e soberbo escudo
daquele grande ladrão
El-Rei falsário e nefário
Dom Fernando de Aragão
que são também armas dela,
aquela víbora vil
tão sutil e tão matreira,
a Rainha
Dona Isabel a Primeira
de Castela
e de Leão

Dom Pedro Pardo de Cela
derrotado
por infame aleivosia
que não em luta leal
por um bastardo sicário
mercenário
da absoluta felonía
do torpe poder real
vai a morrer
degolado

Sempre ativo
e silencioso
desconhecedor do medo
se manteve enquanto vivo
até ao aziago momento
em que desceu o machado
que lhe cortou o pescoço
na praça de Mondonhedo

(O indulto fermentado
concedido
pela Rainha traidora
tinha sido
criminalmente quebrado
pelo eclesiástico ardil
da fatídica demora
de uma hora
na Ponte do Passa-Tempo
enganadora)

Sua cabeça
decepada
deu três tombos
pela escada
até rolar no lajedo
A sua boca ensanguentada
deu três vezes este brado:
“Credo!”, “Credo!”, “Credo!”
O prodígio aconteceu
na praça de Mondonhedo

E nesse dia fatal
assinalado,
na distante
sacrossanta Catedral
de Compostela
houve outro grande portento:

O sino da Berenguela
deu um dobre de finados
que ressoou pelos Céus
e que o vento
num lamento, fez chegar até Castela
naquele preciso instante
em que rendeu a alma a Deus
Dom Pedro Pardo de Cela

Ainda hoje a Galiza chora
estremecida
o martírio
daquele bravo entre os bravos
paladino
do nosso Reino de outrora
ancestral
e genuíno
E sente a pungente dor
da sempre aberta ferida
da Liberdade perdida
duma Nação soberana
sem estrangeiro senhor
da que ele foi defensor

Nesta data memorável
do teu suplicio
execrável
e imortal
desde esta Galiza livre
sempre irmã na sua doçura
que é Portugal
- ao qual com bravura insigne
permaneceste leal até ao final -
este humilde compatriótico
vem incensar tua figura
de gigantesca estatura
no patíbulo

e no Empíreo sideral
levantando reverente
na Ara da Pátria
presente
a galeguidade ardente
dum turíbulo
ideal

Estoril, 17 de dezembro
Anno Domini MCMLXXXI

Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas *

* Livros Horizonte, Lda., Lisboa, 1987.

Divagação (fragmento)

(...)

Eu cá só sei de mim
neste momento certo
um facto:

“Ego scribo, ergo sum”
e apenas isso

(...)

Estoril, 15 de agosto, 1986

Ambiguidade

*A Xosé Luís Franco Grande,
com velha amizade irmã*

TUDO

o que nos acontece
nesta vida

é milagre

Mas ainda é mais milagre

o que não nos sucede

Que é matéria infinita

de outras vidas possíveis

também incompreensíveis

que nós vamos armando

dia a dia

com a livre vontade trans-humana

da franquia

da singular varinha de condão

de virtude satânica

da imaginação

E Deus

com a sua sempiterna

refalsada ironia paternal

- que é o seu natural modo -

desde o cume

da sua imensidade

astral e eterna

sorri

com majestade terna

do nada

e do

TODO

Estoril, 10 de agosto, 1986

Espelho cego *

* Plaza de la Marina, Málaga, 1990.

Ontologia ótica

SER
é
ser visto
e
é
ver

O
SER
só
consiste
nisto

É
só
por ver
e
ser visto
que
EU
existo

Caracol ao Pôr-do-Sol *

* Edição da AGAL, Ourense, 1991.

“Otherness”

*“... el eco del silencio
de mi grito”*

Octavio Paz

O meu EU
não é meu

Não me pertence
Tem em mim a sua origem
e mais nada

O meu EU é somente
a espuma branca, efémera
do ronsel
deste barco carnal em que navego
sem bússola e sem leme
pelo alto mar da Vida
sem rumo
e
sem sossego

Londres
julho 1990

Despedida

Para Brites, preteritamente

Quem conhece o umbral de cada hora?

A nossa foi da essência
límpida e transparente
(Quando eu em ti não penso
a tua ausência relumbra
E quando penso em ti
meu relógio te chora)

Quem conhece o invés de cada hora?

Só, na borda do ar
teu perfil se sustenta
e o seu cristal me fere
retendo a minha lenta
lembrança do teu ser
como concha sonora

Quem conhece o já foi de cada hora?

Mas eu sou dessa carne
que persegue os espinhos
Sei mudar em sorriso
o soluço que aflora
E sei os vendavais
que contém um suspiro

E conheço o Passado do Futuro
do doce adeus sem fim
da Nossa Hora!

Estoril, 15 outubro 1988

Inter umbra

Pelas praças minhas
que choram desgraças

TU

branca e nocturna

passas

e

me abraças

Passas

e

deslaças

defuntos amores

e

aérea

destranças

de sombra e de fumo

guirnaldas

de

flores

Flores e sussurros

desertas tristezas

em

mistura

negra

com

soturnas rezas

E

a minha alma antiga

perdida no Tempo

põe-se a cismar

vendo-te
nas praças
minhas
a
vagar

Porque nem a forma
nem a norma
tuas
confuso
confesso
que não reconheço!

Londres, 23 junho 1991.

Coisas e loisas *

* Papeles del Alabrén, IV, Málaga, 1992.

“In vita esse”

Para M^a Victoria e Rafael

Tudo se transfigura
nada dura
Tudo se desmascara e se mascara
consoante à aventura
ventura
ou desventura
da mascarada
Quem não tem máscara
fica sem figura
porque sem máscara
ninguém pode ser nada
Por isso é o destino
de toda criatura
viver num Carnaval
onde a máscara é a exclusiva conjetura
dessa Verdade obscura
trémula, variada
do Ser e do Não-Ser
com que Deus nos tortura
em treta descarada

Londres
12 de outubro
1990

Ramalhete de poemas carnais *

* Edição facsimilar em *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia/USC, 2000, pp. 71-80.

**Fado
chorado
sobre um amor
passado**

*Las pisadas de arena que la ola
soñolienta y fatal borra en la playa*
Jorge Luis Borges

Pelo teu corpo
de limão maduro
desço
seguro
ao fundo
do mais fundo
rincão
do meu adorabundo coração
Que
ainda contigo agora
na saudosa desora
do passado
chora
a fio
com um rio
pelo jasmim errado
cuja doce e equívoca fragrância
amargado está em mim
inveterado
a tal
astral
distância

Estoril, janeiro 1989.

Inédito^{*}

* Incluído como tal na p. 389 de *Temas d'O Ensino*, nos. 27-38, Ponte Vedra-Braga, 1991-1994, volume de homenagem a Guerra.

Andante
Em
Verde Maior
Para
Violino E Coração

No fundo azar dos teus olhos
sinto que vou me afogar
por ser verdes
bem mais verdes
que as verdes ondas do mar.

Afundo nas águas verdes
do teu limpo verde olhar
penetrando
o mundo verde
da tua alma
a
verdejar.

Teu corpo é verde paisagem
de primavera a brotar
uma flor verde
teu sexo
teus seios
verdes maçãs.

Todo o teu amor é verde
verde de nunca secar
verde perene
de vida
Verde
para me matar!

Janeiro, 1979